

A LEITURA LITERÁRIA COMO CAMINHO PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES: ALGUNS APONTAMENTOS

Aparecida Suiane Batista Estevam¹
Diana Maria Leite Lopes Saldanha²

Resumo: No presente trabalho, apresentamos discussões acerca da importância da leitura literária para a formação humana. Objetivamos investigar a concepção de leitura/leitor e a intencionalidade com a qual uma professora do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do interior do Rio Grande do Norte trabalha com o texto literário, bem como refletir acerca da relação estabelecida entre texto/leitor a partir das respostas dos alunos da respectiva turma. O trabalho é norteado pela abordagem qualitativa de pesquisa, sendo que para a coleta dos dados são adotadas as técnicas de observação em sala de aula e aplicação de questionário. Os dados sugerem a relevância da leitura literária para a formação humana.

Palavras-chave: Leitura literária; Mediação; Formação de leitores.

Literary reading as a way to training readers: some notes

Abstract: In the present work, we presented discussions concerning the importance of the literary reading for the human formation. We aimed at to investigate the reading/reader conception and the intentionality with which a teacher of the 5th year of the Fundamental Teaching of a public school of the interior of Rio Grande do Norte works with the literary text. Besides contemplating concerning the established relationship among text/reader starting from the students' of the respective group answers. The work is orientated by the qualitative approach of research, and for the collection of the data the observation techniques are adopted in class room and questionnaire application. The data suggest the relevance of literary reading for human formation.

Keywords: Literary reading. Mediation. Readers' formation

¹ Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5204-2841>. E-mail: suianebatista@gmail.com

² Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5239-0317>. E-mail: dianalsaldanha@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Este trabalho discorre sobre a importância da leitura para a formação humana e sobre o papel decisivo do professor na mediação de práticas significativas de leitura que contribuam para a formação de leitores críticos, capazes de atribuir novos significados ao texto literário no contexto da Educação Básica, mais especificamente, numa turma de 5º ano do Ensino Fundamental.

Uma questão que vem merecendo grande reflexão nos dias atuais é a importância da mediação de leitura literária com vistas à formação de leitores críticos. Dessa forma, apresentamos no presente trabalho discussões acerca da importância da leitura literária para a formação humana, refletindo sobre o papel do professor no desenvolvimento de práticas de leitura que objetivem a formação do gosto pelo texto literário.

Este estudo investigativo utiliza dados de questionário e de observação em sala de aula para compor o corpus discursivo do trabalho. Além disso, fundamenta-se teoricamente em autores como Villard (1999), Abramovich (1997), Amarilha (2012; 2013), e Zilberman (1993), que discutem sobre a leitura literária e a formação de leitores.

A LEITURA PARA ALÉM DA DECODIFICAÇÃO: BUSCANDO FORMAR LEITORES

A leitura é inerente à vida do homem em sociedade, mas o ato da leitura ganha maior espaço nas instituições escolares. Ao chegar à escola, a criança passa a conviver rotineiramente com essa prática, em diferentes contextos e situações. Parte dessas práticas de leitura, porém, prioriza excessivamente o preenchimento de fichas e a resolução de exercícios de gramática, fatores que não contribuem para a formação do gosto pelo texto literário, pois forjam o hábito de uma leitura descontextualizada e desvinculada do contexto social dos educandos.

Outro problema é a leitura feita de forma mecânica e imprecisa, visando apenas à memorização de conteúdos e repetição de ideias, que não possibilitam a construção do conhecimento pelo sujeito, não propiciam a compreensão do que foi lido.

O ato de ler, quando restringido a uma ação mecânica, ocorre de forma descontextualizada das vivências dos alunos e por isso não desperta curiosidade, nem tampouco o gosto pela leitura. Sua função torna-se meramente escolar,

dentro da metodologia tradicional de apenas reproduzir, de forma literal, o que está escrito. Consideramos que a leitura vai muito além de uma ação mecânica e automática, conforme defende Villard (1999):

[...] ler é construir uma concepção de mundo, é ser capaz de compreender o que nos chega por meio da leitura, analisando e posicionando-se criticamente frente às informações colhidas, o que se constitui como um dos atributos que permitem exercer, de forma mais abrangente e complexa, a própria cidadania. (VILLARD, 1999, p. 4).

Villard (1999) aponta três vantagens que a leitura realizada de forma crítica propicia: construir posicionamentos acerca daquilo que vemos, vimos e ouvimos diariamente; analisar de forma reflexiva o contexto e as inúmeras situações que envolvem o texto; atribuir novos sentidos ao texto e à própria vida.

No entanto, quando fazemos apenas uma leitura superficial do texto e das histórias, perdemos a oportunidade de compreender o que está escrito nas entrelinhas, privilégio possível apenas para aqueles que se arriscam e transitam pela própria subjetividade humana. Assim destaca Santos (2009, p. 38): “[...] quem lê amplia seus horizontes, seus conhecimentos, seus repertórios culturais, sua capacidade crítica e inventiva. Quem lê amplia sua compreensão leitora e sua própria capacidade de ler o mundo”. Ou seja, a leitura contribui para o alargamento dos horizontes e o pleno exercício da cidadania, já que, ao nos percebermos como sujeitos de direitos, somos capazes de emitir posicionamentos críticos, refletir sobre nossas ações e nos impormos contra qualquer alienação.

Por outro lado, a leitura realizada por prazer configura-se como um ato de liberdade indispensável para o sujeito em sua humanidade. Por essa razão, constitui-se também um direito universal, uma ação a ser mediada, nunca imposta como obrigação, assim como explica Santos (2009, p. 36): “Na leitura é preciso imaginar, portanto, trata-se de um ato de criação permanente. Ninguém ama, nem lê por obrigação [...]”.

Nessa perspectiva, consideramos que o ato de ler está intimamente relacionado ao verbo amar, e ambos implicam, necessariamente, espontaneidade. A leitura, quando realizada sem cobranças estritamente pedagógicas, é capaz de provocar o encantamento, despertar a imaginação e a criatividade, além de desenvolver o senso crítico do leitor em formação. Logo, é capaz de deixar

marcas que ultrapassam os limites da escola, preservando o leitor, o texto, o contexto e o próprio sentido atribuído aos acontecimentos da vida em sociedade.

Entretanto, podemos afirmar que um dos maiores desafios existentes no processo de ensino-aprendizagem é o de ensinar o aluno a ler de forma reflexiva e motivá-lo a atribuir, conseqüentemente, um novo sentido à sua história, ao mundo e tudo o que o envolve. A prática diária da leitura nas salas de aulas só será significativa se, além de proporcionar o contato do aluno com a diversidade de textos, refletir uma mediação correta do professor, no sentido de enriquecer esse momento de formação do prazer pelo texto literário.

Entendemos ser necessário que o trabalho com a leitura literária “supere” a superficialidade presente em questões de interpretação vazias de significado, cujo objetivo é apenas resgatar elementos pontuais do texto. É preciso promover práticas que permitam aos educandos emitir posicionamentos, criar novos rumos para as histórias, propor soluções, além de respeitar aquilo que vai contra os seus ideais, mas que é justificável para outros que possuem culturas e valores diferentes.

Em face disso, Lajolo (1993) defende que:

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir de um texto, ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista. (LAJOLO, 1993, p. 59).

Dessa forma, a leitura não se restringe a uma atividade mecânica, repetitiva e forçada, mas configura-se como um ato significativo, criativo e libertador. Significativo e criativo porque o texto pode ser recriado pelo leitor, que, por sua vez, tem autonomia para demonstrar seus sentimentos e desejos, apontar suas críticas e atribuir, de modo prazeroso, novos sentidos à escrita do autor. Libertador, porque nos desprende das amarras alienantes das mídias e do poder dominante, quando considerados únicos detentores e intérpretes do saber.

O sentido do texto, além de ser materializado por quem o escreveu, também se encontra no leitor, que por sua vez está inserido em um dado contexto e mantém relações sociais com diversos sujeitos que podem influenciar em sua

compreensão acerca da obra literária. Segundo Amarilha (2012, p. 53), “[...] ler é, então, participar de um teatro íntimo, ser ator e espectador ao mesmo tempo e não ter uma plateia que não a si mesmo”. Dessa forma, estabelece-se uma relação íntima entre o leitor e o texto, pois durante a leitura o leitor poderá identificar-se com um ou outro personagem, seja pelo fato de viver aquilo que o personagem da história está vivendo ou simplesmente por desejar vivê-lo na vida real. Isso influencia diretamente na percepção do leitor aprendiz acerca do seu mundo, conforme afirma Amarilha (2013):

[...] no processo de leitura, está o leitor imerso e identificado com os personagens. Mas, nessa dinâmica, ele também transita do real para o ficcional e deste de volta ao real. Ao circular nesses dois mundos, o leitor transfere de um mundo para o outro, percepções, informações, emoções. Assim, o que está escrito ultrapassa em significado as margens das páginas [...]. (AMARILHA, 2013, p. 77, grifos nossos).

O leitor em formação, quando em contato com o texto literário, transita tanto pelo mundo da ficção quanto pelo mundo real, o que faz com que manifeste sentimentos, emoções e expectativas. Com isso, a leitura consegue ultrapassar os limites da escrita, oportunizando aos sujeitos irem além do espaço físico, fazendo-os vislumbrar novas oportunidades, caminharem por lugares até então desconhecidos.

Segundo Eco (1994), o leitor colabora com o texto e torna-se produtor do texto, traz seus conhecimentos e suas experiências do mundo real para recriá-lo, preencher lacunas existentes, pois “[...] todo texto é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor que faça uma parte do trabalho. Que problema seria se um texto tivesse de dizer tudo que o receptor deve compreender – nunca terminaria” (ECO, 1994, p. 9).

O texto literário é ficção que tem como base o mundo real e é parasita desse mundo. Na narrativa ficcional se constrói um mundo abrangente, que contempla toda uma diversidade de acontecimentos, com personagens múltiplos. Não sendo possível, na escrita, se dizer tudo sobre esse mundo, o leitor é chamado a preencher as indeterminações, os vazios deixados pelo autor.

Para Eco (1994), o leitor é concebido como integrante do texto literário, é parte do texto, elemento ativo presente na história e no próprio ato de conta-la. O texto é incompleto, inacabado, requer ajuda para preencher espaços que ficaram em branco. O autor compara a narrativa com um bosque, cujos caminhos

podem levar a vários lugares. Ao adentrarmos no bosque, precisamos fazer escolhas, escolher qual caminho seguir; da mesma forma, o leitor de literatura faz opções e escolhas ao realizar a sua leitura.

Portanto, na relação solitária entre o texto e o leitor, este pode identificar-se com um determinado personagem e, a partir disso, realizar seus desejos e fantasias. É, pois, dessa relação, que surge o prazer pelo texto literário, a preferência por um determinado personagem ou história e a satisfação em lê-lo várias vezes.

Reconhecendo a importância da mediação do professor para o desenvolvimento de práticas significativas de leitura e embasadas em Vigotsky (2007), consideramos relevante que o professor, enquanto mediador de saberes, saiba, em seu trabalho diário com a leitura literária, valorizar os conhecimentos prévios dos alunos. Isto é, prezar por tudo aquilo construído por eles antes do seu ingresso na escola, as vivências em seu contexto social e as suas experiências de vida; ouvir com atenção seus anseios e suas histórias; ajudá-los, de modo colaborativo e instigador, a avançar na construção de uma aprendizagem que ultrapasse os muros da escola e se estenda para toda a vida.

Acreditamos ser o professor um mediador do conhecimento, que abre espaço para a troca de experiências e reflexões entre os aprendizes e, portanto, atua também como uma ponte que propicia o encontro entre o leitor em formação e o livro. O acesso ao texto literário contribui para a formação de leitores, mas não é suficiente. Além do acesso, é imprescindível proporcionar momentos prazerosos de leitura, que despertem o gosto pelo texto literário.

Segundo Saldanha(2013, p. 65), “[...] a mediação de leitura não se constitui como algo fácil, que pode ser trabalhado mecanicamente, dispondo de uma receita a ser seguida com a certeza de um resultado positivo”. Ao contrário, a mediação de leitura requer um planejamento sistematizado e intencional, no qual exige-se a seriedade de um profissional que enxergue na literatura uma possibilidade para a realização das expectativas de quem lê sem desconsiderar que as rotas selecionadas na mediação do texto literário poderão ser redirecionadas, visto que poderão surgir, por parte dos alunos, interpretações e respostas diferentes das esperadas pelo docente com vistas ao sentido com que a leitura foi idealizada pelo autor. Por esse motivo, não pode ser reduzida a atividades meramente pedagógicas, cujas respostas são reproduzidas mecanicamente pelos alunos.

Como afirma Pennac (1993, p. 119), “a leitura [...] é como o amor, uma maneira de ser”. E, se a leitura está associada ao verbo amar, não admite, pois, obrigação e submissão, mas espontaneidade. Caso contrário, o aluno só irá ler enquanto estiver na escola, sob o olhar do professor e refém de notas que quantificam o seu entendimento – notas e avaliações que podem inibir a sua criatividade e, conseqüentemente, limitar o poder libertador e imaginativo proveniente da leitura literária.

No processo de formação de leitores, o professor, enquanto mediador, é o responsável por facilitar o acesso à linguagem simbólica presente na literatura e promover uma prática de leitura cujo objetivo maior seja o de disseminar o gosto pelo texto literário como fonte de prazer. Portanto, acreditamos que os professores são agentes propulsores da leitura à medida que oportunizam o contato dos alunos com as histórias, com os livros. Como afirma Santos (2009), os professores, por serem agentes de leitura,

[...] são construtores de pontes, gerando encontros e comunicações entre as margens, facilitando o acesso aos bens e serviços culturais. Atuando como leitores e escritores do mundo a partir da inserção e da interpretação de suas próprias realidades, estarão eles, também, ampliando seus horizontes, conhecimentos e capacidades de compreensão leitora e de escrita através das linguagens artísticas e do acesso aos saberes e à produção cultural universal. (SANTOS, 2009, p. 42).

Este momento de troca de experiências em torno da leitura constitui-se como um espaço propício para o amadurecimento do professor enquanto leitor. Isto porque, no processo comunicativo que se estabelece entre professor-aluno e aluno-aluno, é possível a realização de novas descobertas: quanto ao repertório literário; quanto ao alargamento de horizontes na forma de compreender as particularidades e realidades do outro; quanto à reflexão acerca de assuntos que são muitas vezes “mascarados” por sua complexidade, como a morte. Com isso, a sala de aula e/ou o lugar em que ocorre a mediação da leitura se tornaria um espaço em que se preza pelo respeito ao pensar diferente, já que não há consenso quando se trata de literatura, pelo seu caráter subjetivo, no qual cada um pode atribuir ao texto um significado particular, construído com base nas vivências individuais.

EXPERIÊNCIAS COM A LEITURA LITERÁRIA: ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A MEDIAÇÃO DE LEITURA EM UMA TURMA DE 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Para realizar este trabalho escolhemos traçar um percurso qualitativo, com base em pesquisa de campo na qual realizou-se a observação de 3 aulas e aplicação de um questionário com a professora e os alunos de uma sala do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do interior do Rio Grande do Norte.

Esta turma possuía 1 professora efetiva com graduação em Pedagogia, especialização em Psicopedagogia e 5 anos de atuação na escola pesquisada. A sala possuía 21 alunos matriculados, sendo que 19 deles frequentavam assiduamente as aulas. Destes, 8 alunos colaboraram com a pesquisa. O que justifica a não participação de todos os alunos na pesquisa foi o fato de os responsáveis não terem entregues em tempo hábil o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) autorizando a participação dos menores. Assim, buscando respeitar os princípios éticos que envolvem as pesquisas com seres humanos e a identidade dos colaboradores, é que utilizamos nomes fictícios tanto para a professora, quanto para os alunos.

Desse modo, o estudo objetivou de modo geral, compreender o papel do professor no processo de mediação de leitura com vistas à formação de leitores, e este recorte apresenta como objeto de análise as respostas dos alunos e professora colaboradora ao questionário que foi aplicado pelas pesquisadoras no ano de 2019, visando investigar a concepção de leitura e leitor da professora e a intencionalidade com a qual trabalha o texto literário em sala de aula, bem como refletir acerca da relação estabelecida entre texto/leitor a partir das respostas dos alunos.

Freire (2008) afirma que a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra. É, pois, nesse contexto, que questionamos a professora colaboradora (a qual nomeamos *Estrela*, a fim de preservar a sua identidade) sobre a sua concepção acerca da leitura e sua função no processo de formação de leitores, e sobre quais características definiriam, em sua opinião, um sujeito leitor. O objetivo foi compreendermos melhor suas práticas pedagógicas, no que diz respeito ao texto literário, com vistas à formação de leitores. Vejamos as afirmações da docente, sintetizadas no quadro abaixo:

Quadro 1 - Concepção da professora sobre leitura e leitor

O que é leitura? Para que serve?	Características que definem um leitor
É um processo de apreensão/compreensão de algum tipo de informação armazenada num suporte e transmitida mediante determinados códigos, como a linguagem. [...] A leitura serve para termos conhecimento, reflexão, sonhos, criatividade, bagagem cultural, [...] e liberdade.	[...] É ler mais de uma vez o mesmo livro e querer que o mundo inteiro faça isso também.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base nas respostas da professora

A leitura, conforme discute Villard (1999), não ocorre apenas quando reconhecemos o código escrito e o decodificamos, pois assim estaríamos limitando-a à atribuição de algum significado às palavras. Ao contrário, a leitura, em seu sentido amplo, como indica a professora, reporta à capacidade do leitor de ler o mundo e suas contradições. É quando ele se torna capaz de adquirir conhecimento, realizar reflexões e sonhos, expressar sua criatividade e exercer sua liberdade de interpretação, sem medo de julgamentos. Deixando de ser um mero receptor passivo, o leitor em formação passa a ser autor do seu processo de aprendizagem, tornando-se capaz de emitir posicionamentos críticos frente às informações que lhe chegam cotidianamente. Ou seja, não basta que compreenda o que está sendo lido; é imprescindível que construa sua própria opinião, reflita e viva intensamente as emoções imbricadas no texto e, se necessário, transforme e construa um novo sentido para o que lê.

Nessa perspectiva, a leitura não deve ser mediada na escola com o objetivo de desenvolver um hábito, pois, como destaca Villard (1999), o hábito da leitura nem sempre implica prazer, espontaneidade, mas obrigatoriedade, e pode desaparecer à medida em que o aluno deixa de frequentar a escola e realizar os exercícios longos e enfadonhos de gramática. Ao contrário, a leitura deve ser mediada com vistas à formação do gosto pelo texto literário, que permanece mesmo após a saída dos alunos da instituição escolar. Isso, quando o trabalho resulta de uma mediação sistematizada, que propõe atividades espontâneas, prazerosas e expressivas; que desafia todo o enredo de uma história numa perspectiva ampla, explorando sensações, indagações e possibilidades mobilizadas pelo texto lido.

Então, se enquanto educadores, objetivarmos desenvolver apenas o hábito da leitura em nossos alunos, estaremos formando, sem dúvidas, leitores

momentâneos. Em contrapartida, quando desenvolvermos o trabalho com vistas a propagar o gosto pelo texto literário, formaremos leitores para uma vida inteira.

Concordamos que a leitura, em seus diferentes suportes de texto, nos mantém informados sobre todos os acontecimentos mundiais, mas é a leitura de literatura que, assim como outras artes, nos permite sentir emoções, ora alegres, ora nostálgicas. Vale ressaltar que a literatura nos confere humanidade, por nos convidar à compreensão do mundo, da natureza e da sociedade; por ser capaz de denunciar as injustiças e desigualdades, sugerir possibilidades, despertar esperanças (CANDIDO, 2011). É por esses motivos que defendemos esse tipo de leitura como indispensável à sala de aula de qualquer nível de ensino. O ato de ler, conforme aponta Zilberman (1993), permite que se estabeleça uma relação significativa entre o leitor, a realidade que o cerca e o contexto em que se deu a escrita do texto lido.

No que diz respeito ao que seja um sujeito leitor, consideramos relevante a resposta da professora Estrela, que afirma ser um leitor aquele que lê várias vezes o mesmo livro e deseja partilhar essa experiência com o outro, a fim de convencê-lo a fazer o mesmo. Ao dar essa resposta, percebemos que a professora respeita um dos direitos do leitor apontados por Pennac (1993): o direito de reler um mesmo livro várias vezes. Tal experiência pode se dar pelo processo de identificação, em que a criança encontra alguma proximidade do enredo ou personagens com o mundo em que vive, ou pela esperança da satisfação de um desejo que gostaria de tornar real, fazendo a transposição do ficcional para a sua realidade.

Isso só é possível porque o leitor atua ativamente na construção e reconstrução de sentidos de um determinado texto, isto é, torna-se coautor da história. Conforme suas necessidades e experiências, abstrai o que incomoda, imagina novas tramas, sugere um novo final, recria outras possibilidades. Nesse sentido, o leitor deixa de ser um mero receptor e assume um papel indispensável na condução da leitura, pois torna-se capaz de preencher as lacunas deixadas pelo autor.

A criança imersa nesse processo de identificação, conforme discute Souza (2004), vai ultrapassando os limites das páginas dos livros e consegue ler as “entrelinhas”, preenchendo os vazios deixados pelo autor com suas interpretações, gostos e fantasias. Isso só é possível de ser construído pelo fato de

existir espaço para o contraditório, para o diálogo aberto e o respeito às opiniões divergentes.

Nesse sentido, torna-se indispensável que o leitor em formação tenha o contato diário com a leitura literária, pois assim poderá satisfazer sua criatividade e imaginação, transitar entre o real e o imaginário e construir novos rumos para as histórias. Por esse motivo, reafirmamos a necessidade de o trabalho com a literatura ser sistematizado e carregado de intencionalidade, sem necessariamente deixar de ser um momento prazeroso e lúdico. Dessa forma, consideramos importante questionar a professora Estrela sobre a intencionalidade e frequência com que trabalha o texto literário em sala de aula, ao que ela, por sua vez, respondeu:

Quadro 2 – Intencionalidade e frequência do trabalho da professora Estrela com o texto literário em uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental

Com qual intencionalidade e frequência o texto literário é trabalhado em sala de aula?
Sempre procuro ler, às vezes leituras deleites (a cada dia um capítulo), como também envolvendo conteúdos e projetos anuais. Como este ano (2019) temos muitas atividades a serem realizadas, por ser ano de OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA, resolvemos escolher apenas um livro por bimestre e realizarmos um trabalho [...].

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base nas respostas da professora

A leitura literária expressa a linguagem do prazer; o prazer, por sua vez, deve ser cultivado e constituir-se o maior objetivo do educador quanto ao trabalho com a leitura. A professora Estrela afirma que sempre lê para os seus alunos, e a partir do termo destacado acima, compreendemos que “às vezes” (não é sempre) essa leitura é deleite. Logo, às vezes é mediada com o objetivo de despertar o gosto pelo texto literário, sem fins meramente pedagógicos. Ela também diz que essa leitura é trabalhada durante o ano, envolvendo “conteúdos e projetos”, ficando aí subentendida a obrigatoriedade didática e pedagógica, na qual a leitura de literatura é condicionada a uma atividade, a uma tarefa, a um trabalho. Além disso, percebemos que, devido à “Olimpíada de Língua Portuguesa”, esse contato com a leitura “deleite” iria ser reduzido, tendo em vista uma série de conteúdos que precisavam ser estudados pelos alunos, para que houvesse um bom desempenho na Olimpíada.

Sobre a face múltipla e necessária da literatura, assim afirma Barthes (2007):

A literatura assume muitos saberes. [...] Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto numa, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário [...]. (BARTHES, 2007, p. 16).

A leitura de literatura, portanto, estaria presente em todas as disciplinas e ciências e por esse motivo poderia ser mediada diariamente no chão da sala de aula, pois é por meio dessa arte que somos confortados, encorajados ou despertados, de forma espontânea, em nossas ideias e emoções. Dessa forma, para que o professor trilhe o caminho seguro que possibilita o encontro entre leitor/texto, seria indispensável, como afirma Pennac (1993), que não exigisse, do aluno, nada em troca.

Através da leitura literária o professor poderá discutir, de forma lúdica e prazerosa, assuntos que são relevantes para a formação humana da criança e para o enfrentamento de seus medos e de suas angústias. Entretanto, é importante salientar que o êxito desse trabalho é resultante das estratégias adotadas por este professor. Nesse sentido, julgamos necessário questionar a professora Estrela acerca das estratégias utilizadas em suas aulas para despertar o gosto dos seus alunos pela leitura. Ela respondeu:

Quadro 3 – Estratégias de leitura utilizadas em uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental para despertar o gosto dos alunos pela leitura

Quais estratégias de leitura são utilizadas para despertar o gosto pela leitura?
Início minha aula com um texto, e todos os anos adotamos um autor(a) em acordo com o ano (série) que vou trabalhar. [...] Esse ano estamos com os projetos (leitura e escrita): o avental – era uma vez; a maleta – o livro que voa; literatura por bimestre.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base nas respostas da professora

O termo “estratégias” foi utilizado na pergunta à professora para convidá-la a apontar a forma como desenvolve o trabalho com a leitura em sala de aula, isto é, os métodos e recursos utilizados para mediar o texto literário. A partir das observações realizadas em 3 (três) aulas na turma de 5º ano em que Estrela leciona, percebemos que o avental é utilizado como um “acessório”, no momento em que as crianças vão até à frente da sala e fazem a leitura da história, poema ou cordel trazido de casa, ou quando a professora vai contar a história do dia.

Questionados sobre a forma como a professora trabalha a leitura em sala de aula, os alunos citam o uso do avental e o silêncio exigido por Estrela, como no seguinte comentário: “*Ela coloca um avental e manda todo mundo ficar calado e ela reconta, explica o que ela leu*” (BRANCA DE NEVE, 2019, dados do questionário dos alunos).

Os recursos lúdicos utilizados pelo professor são importantes para a dinamização da aula e do próprio desenrolar da história, porém não são fatores determinantes para que haja a fruição do texto pelo ouvinte leitor. O uso harmônico da voz e do corpo, de acordo com Abramovich (1997), funcionam como excelentes recursos na hora de contar a história, pois o educador pode brincar com os ritmos das palavras e fazer desse momento uma experiência significativa e prazerosa. Isso, a professora Estrela cumpre satisfatoriamente.

Diante das observações e das discussões que realizamos, percebemos que as práticas de leitura adotadas pela professora Estrela e a intencionalidade com a qual trabalha a literatura na sala de aula permitem ora o acesso ao texto literário como fonte de prazer e construção de sentidos, ora como subsídio para o trabalho com a gramática e aumento do vocabulário das crianças, o que denota discernimento e flexibilidade pedagógica.

Tendo em vista o poder da literatura para a formação humanitária dos educandos, na expressão de seus sentimentos, nas opiniões e sugestões de como resolver os conflitos expressos no texto, aplicamos um questionário às crianças deste 5º ano do Ensino Fundamental, alunos da professora Estrela, usando pseudônimos que ocultassem sua verdadeira identidade. Inicialmente, indagamos qual história haviam lido ou escutado que mais deixou marcas em suas vidas e por quê. Vejamos a síntese das respostas dos alunos no quadro abaixo:

Quadro 4 - Experiência de alunos do 5º ano com o texto literário

Aluno (a) (Nome fictício)	Qual história que você leu ou lhe contaram, que mais lhe chamou atenção?	Onde você leu ou lhe contaram?	Por que essa história lhe marcou?
Cinderela 1	O menino e o urso em um barco	Em casa	Porque ela tem muitos capítulos e muitas aventuras.
Cinderela 2	João e Maria	Na escola	Porque eles passavam fome, foi por isso que eles foram abandonados.

Branca de Neve	João e Maria	Na escola e em casa	Porque eu gostava e chorei
Rapunzel	João e Maria	Em casa	Porque é triste e me emocionou.
Peter Pan	Pinóquio	Na escola	Porque ele mentia muito e cada vez que ele mentia [...] o nariz dele crescia [...].
Chapeuzinho Vermelho	Dorinha a pequena gigante	Em casa	Porque ela venceu o bullying e porque ela não se importava com o bullying.
Batman	Catapimba	Em casa	Porque um menino cada vez que ele ia comprar o seu lanche o dono do mercado não tinha troco. Aí todo mundo achou que qualquer coisa era dinheiro. Nem tudo é dinheiro.
Homem Aranha	João e Maria	Na escola	Porque eu fui passarinho.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base nas respostas dos alunos

A função formativa da literatura se materializa nas respostas dessas crianças, que têm gostos peculiares e experiências diferentes quanto às histórias que consideraram marcantes. Apesar de 4 de 8 crianças destacarem a história de João e Maria, dos irmãos Grimm, como a que mais lhes chamou atenção, as justificativas apontadas por elas são diferentes. Isto não nos trouxe surpresa, pois a leitura é um ato subjetivo, através do qual preenchemos as lacunas deixadas pelo autor com as nossas impressões, do que julgamos bom ou ruim, certo ou errado (AMARILHA 2013). Tais diferenças justificam-se, portanto pelo fato de que:

[...] sempre que entramos no plano da ficcionalidade, abdicamos da tentativa (válida) de ver o mundo do ponto de vista da objetividade [...], da lógica sistemática e do pensamento analítico [...]. Através da ficção, penetramos no patamar da subjetividade (a visão de mundo pessoal e singular), da analogia, da intuição, do imaginário e da fantasia. (SOUZA, 2004, p. 40).

Em outras palavras, quando em contato com o mundo ficcional, dispensamos a literalidade dos fatos e percorremos a ficção através da nossa subjetividade humana e imaginação, o que significa que, por termos vivências sociais e percepções de mundo diferentes, não encontraremos consenso quando tratarmos de um texto literário, pois o mesmo nos toca de forma única.

Em suas falas, as crianças nos deixam pistas de que houve emoção, sentimentos e realizações ao ler ou ouvir as histórias que marcaram as suas vidas. A história de “João e Maria” narra a aventura de dois irmãos que, perdidos e famintos, em meio ao caos, encontram sentido e a possível resolução para todos os seus problemas ao encontrarem uma casa feita de chocolate, repleta de doces e guloseimas. Apesar de surpreendidos pela presença da Bruxa má, é nesta casa, encarcerados e desesperados, que os dois irmãos encontram coletivamente a solução para os seus problemas, mostrando-nos que é possível encontrar saídas para aquilo que consideramos impossível de fugir.

Talvez seja por causa de todas as dificuldades enfrentadas por João e Maria durante a sua trajetória na história, que as alunas Cinderela 2, Branca de Neve e Rapunzel enfatizam que essa narrativa as emociona e causa certa tristeza. De fato, é difícil acreditar que duas crianças tenham que enfrentar sozinhas um mundo totalmente desconhecido e que parte desse sofrimento seja causado pelo abandono de alguém que deveria cuidar deles, amá-los e protegê-los. Já dizia Candido (2011, p. 176) que a literatura “[...] humaniza em sentido profundo, porque faz viver”, e com ele concordamos. A literatura contribui para a nossa formação humana, à medida que nos faz refletir e emocionar sobre o sentido de realidade que é despertado em nós.

A aluna identificada por Cinderela 1 apresenta uma justificativa um pouco diferente dos demais colegas acerca da história que marcou a sua vida. A história enfatizada pela aluna é “Um Menino e um Urso em um barco”, de Dave Shelton. É uma narrativa de mais de 200 páginas, que conta a história de uma linda amizade entre um menino e um urso, que surge em meio às adversidades da vida. A partir de diversas aventuras do menino e do urso, podemos tirar grandes lições das adversidades que surgem ao longo da nossa existência humana, que possam nos causar medo e nos fazer pensar sobre o sentido de continuar lutando por dias felizes.

Cinderela 1 afirma, de forma segura, que tal narrativa a marcou pelo fato de conter muitos capítulos e aventuras. Essa assertiva poderia nos causar surpresa, pois nos dias atuais, em que as tecnologias têm ganhado a preferência da maioria das crianças, torna-se difícil uma criança de apenas 10 anos ler um livro com mais de 200 páginas em casa, sem nenhuma cobrança para que essa leitura se efetivasse. Mas conhecemos o histórico da aluna Cinderela, uma leitora apaixonada pelas histórias, que demonstra grande apreço e interesse pelos livros.

Ao fazer a leitura diária na sala, demonstra conhecer bem a história, ao ponto de lê-la pausadamente e com excelente entonação de voz. Comprovamos isso a partir das observações realizadas nessa turma, no desenvolvimento deste estudo investigativo.

Sua trajetória leitora passa por um programa de extensão da Universidade “XXX” idealizado em 2007 com o objetivo de democratizar o acesso ao texto literário e despertar o gosto e prazer pela literatura, sobretudo nas zonas periféricas, onde vivem as famílias mais carentes desta cidade do interior do Rio Grande do Norte. Vale ressaltar que, atualmente, o programa alcançou uma grande abrangência, passando a ser reconhecido internacionalmente.

Esse programa permitiu à Cinderela 1 e a outros alunos participarem de rodas de leitura, dramatização de histórias, recitais, ou seja, momentos significativos, em que a mediação se preocupava com o contato direto com o livro, com a expressão da subjetividade das crianças através do reconto oral das histórias. A mesma experiência teve o aluno Homem Aranha, para quem a história de “João e Maria” foi muito marcante, por ele ter representado um passarinho na dramatização dessa história.

A literatura é uma arte que faz uso da ficção para falar dos problemas sociais (abandono, conflitos e carências) existentes na realidade, mas também é uma manifestação artística que nos empresta coragem e esperança para enfrentar as dificuldades da vida, permitindo-nos enxergar possibilidades de viver momentos mais felizes (ABRAMOVICH, 1997). Vale ressaltar, porém, que, para ter sentido e significado, a leitura literária precisa ser mediada pelo professor (o principal agente de leitura presente na escola), pois é a partir da mediação sistematizada e intencional do educador que ocorre o encontro significativo do aluno com o livro literário.

A intervenção do professor torna-se fundamental na criação de um espaço propício e harmonioso para que a criança se sinta desafiada a desvendar novos mundos, a partir do contato com o mundo simbólico das histórias; para que seja encorajada a vislumbrar outros horizontes e realizar novas interpretações acerca das relações entre a realidade e a ficção. A prática da leitura literária ganha significado quando há problematização, construção e reconstrução de sentidos, principalmente quando a leitura é compreendida para além do que está escrito



no texto. E isso só é possível a partir do trabalho planejado e direcionado do professor.

O texto literário é, portanto, de grande importância para a criança e funciona muitas vezes como um meio encontrado para a pacificação de momentos de tensão. Na narrativa abre-se um jogo de máscaras em que o leitor se mistura aos personagens, o que pode provocar tranquilidade ou desconforto, a depender do contexto em que o leitor está situado e da forma como está sendo mediada a relação texto-leitor. Por esse motivo, reafirmamos a importância do texto literário e do papel do professor na mediação de leitura para a formação de leitores maduros, capazes não apenas de interpretar o que está escrito, mas atribuir-lhe novos sentidos e significados.

CONCLUSÃO

Nossas discussões refletem sobre a importância da leitura literária para a formação humana dos sujeitos, pois, quando mediada de forma significativa, supera a mera decodificação do código escrito e propicia a expressão da subjetividade e da imaginação, contribuindo para a formação de sujeitos ávidos, capazes de se posicionar criticamente acerca dos problemas sociais que os envolve e transformar a sua própria realidade.

A mediação de práticas de leitura, que valoriza as experiências dos alunos e que atribui ao texto literário sentido e significado, constitui-se como um grande desafio para todos aqueles que trabalham na Educação Básica. Devido às inúmeras exigências externas e internas à instituição escolar, o professor (principal agente mediador entre o texto e o educando) acaba, muitas vezes, priorizando outras disciplinas e assuntos que não o trabalho com a literatura, esquecendo-se que a literatura fala da vida, da realidade que vivemos e, portanto, pode dialogar com todas as ciências e disciplinas.

As falas dos alunos colaboradores da pesquisa sugerem que é indispensável o contato com a linguagem simbólica presente na leitura de literatura (contato texto/leitor). A partir desse contato com o mundo ficcional, as crianças são capazes de reconhecer as marcas deixadas pelas histórias em suas vidas, porque encontram nessas narrativas, a partir de seus personagens, alegria, coragem, esperança e sentido, para continuarem acreditando que é possível vencer os conflitos que permeiam sua existência.

Portanto, reafirmamos a necessidade de implementarmos em nossas salas de aula práticas de leitura capazes de aguçar a imaginação, criar expectativas nos leitores em formação e, assim, promover uma aprendizagem que ultrapassa os limites da escola e se estende para toda a vida, sendo sua principal intencionalidade o incentivo na formação do gosto e do prazer pela leitura.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

AMARILHA, Marly. **Estão Mortas as fadas?** Literatura infantil e prática pedagógica. Petrópolis: Vozes, 2012.

AMARILHA, Marly. Alice que não foi ao país das maravilhas. *In*: AMARILHA, Marly. **Alice que não foi ao país das maravilhas**: a leitura crítica na sala de aula, Petrópolis: Vozes, 2013, p. 77-96.

BARTHES, Roland. **Aula**: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2008.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. *In*: ZILBERMAN, Regina. **Leitura em crise na escola**: as alternativas do professor. 11. Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993, p. 51-62.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Tradução de Leny Werneck; 4. Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

SALDANHA. **A formação leitora e de mediadores de leitura: uma experiência no programa bale.** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2013.

SANTOS, Fabiano dos. Agentes de leitura: inclusão social e cidadania cultural. *In*: SANTOS, Fabiano dos (org.). **Mediação de leitura:** discussão e alternativas para a formação de leitores. São Paulo: Global, 2009, p. 37-45.

SOUZA, Renata Junqueira de. **Caminhos para a formação do Leitor.** 1. Ed. São Paulo: DCL, 2004.

VIGOTSKY, Lev Semionovitch. **Formação Social da Mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Astro Afeche; 7. Ed. São Paulo: Selo Martins, 2007

VILLARD, Raquel. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira.** Rio De Janeiro: Dunia, 1999.

ZILBERMAN, Regina. A leitura na Escola. *In*. ZILBERMAN, Regina. **Leitura em crise na escola:** as alternativas do professor. 11. Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993, p. 09-22.

Recebido em 23/01/2023

Aprovado em 11/05/2023